

## RECADO DE PARIS

### Lição de alegria sob o sol parisiense

1232  
PARIS, outubro — (Via Pa-  
nair) — A véspera fora um  
desses intermináveis dias su-  
jos de chuva, de um outono  
hostil. Levantei-me aborreci-  
do, com melancólicas notícias  
do Brasil. Estava atrasado,  
resolvi tomar um taxi.

Mas havia uma grande sur-  
presa: céu limpo e sol claro e  
quente, esse sol que a gente  
sente que vai durar o dia in-  
teiro, e deixará atrás de si a  
graça de uma noite azul.

Quando o carro chegou à  
Praça da Concórdia, o "chauf-  
feur" começou a rir. Voltei os  
olhos: na grande fonte roma-  
na perto do obelisco de Ram-  
sés II havia oito ou dez peque-  
nas em "bikini", que estavam  
sendo filmadas. Uma roda ale-  
gre de hasbaques se formara.  
As moças pareciam pequenas  
entre os tritões e nereidas de  
bronze, e riam-se jogando sob  
a água clara que jorrava. Al-  
guns guardas em uniforme  
azul-marinho estavam ali, tra-  
tando, com bom humor, de  
impedir que os curiosos atra-  
palhassem o trânsito, mas eles  
também rindo e olhando as be-  
las jovens semi-núas.

No céu, um elegante balão  
prateado parecia querer fazer  
a volta da Torre Eiffel, como  
nosso Santos Dumont. Quando  
o carro entrou nos Champs  
Elysées, haviam centenas de  
crianças correndo pela grama,  
com seus capotinhos coloridos.  
Um carro puxado a cavalo,  
desses que a gente aluga para  
passear no Bois de Boulogne,  
ia tranquilamente no meio dos  
automóveis, conduzido por  
uma mulher de boné e casaco  
vermelho. Todos os carros  
conversíveis estavam abertos, e  
entre os canteiros cheios de  
flores, as alamedas, em que o  
vento alegre fazia cair as fo-  
lhas secas, eram tão lindas co-  
mo se as árvores não estives-  
sem se despindo para o inver-  
no, mas apenas jogando no ar,  
de pura alegria, algumas fo-  
lhas de suas ramas ainda  
cheias.

Logo adiante, no Palácio das  
Descobertas, flamulas coloridas  
palpitavam no ar, anunciando  
a exposição de automóveis;  
duas freirinhas vigiavam sor-  
rindo as meninas de uma es-  
cola, que davam saltos e gri-  
tos em um monte de areia. No  
fundo da mais bela das aveni-  
das do mundo, o Arco do Tri-  
unfo.

Nesse dia, em Paris, não vi  
falar em guerra, nem em ne-  
nhum problema. Por toda par-  
te em que andei não era pre-  
ciso adivinhar o grandê assun-  
to sensacional da jornada: o  
sol. "Qu'il fait beau!" Toda  
gente repetia isso como um  
cumprimento, sorrindo, e em  
toda a cidade cheia de jardins  
as crianças brincavam ao sol.

Minha tristeza brasileira se  
dissolveu nessa festa de luz.  
Somos talvez, excessivamente  
(Continua na 8ª. pág.)

ricos: no Brasil quase só fa-  
lamos do tempo para nos quei-  
xar dele, quando faz calor de-  
mais ou chove muito. Na Fran-  
ça, no pior dia de inverno, o  
comentário resmungado pelo  
"chauffeur" do taxi é sempre  
o mesmo, e quase conciliador  
em sua enunciação irônica:  
"Pas chaud ce soir, hum?"

Somos talvez excessivamen-  
te pobres. Pelo menos pobres  
de imaginação: não é isso o  
que do mais terrivelmente tris-  
te nos dizem esses primeiros  
resultados das eleições nas ca-  
pitais? Mas essa festa de sol  
na cidade de Paris — a mais  
jovem e livre das cidades do  
mundo, com essas moças de  
"bikini" na fonte copiada da  
praça do Vaticano, esse obe-  
lisco de treze séculos antes de  
Cristo, e tudo isso que se vê  
da ponte, a nobreza medieval  
de Notre Dame, a cúpula de  
ouro sob a qual dorme Napo-  
leão, as colunas coríntias da  
Madeleine, esse menino de per-  
nas nugas que corre com seu  
cão entre as árvores — tudo  
isso é uma lição de alegria, de  
paciência e coragem.

Rubem BRAGA

28.10.50